



filologia portuguesa

ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA

# O Português Arcaico

Uma Aproximação

---

Volume II

Sintaxe e fonologia

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

## **filologia portuguesa**

colecção dirigida por IVO CASTRO

### *Volumes publicados:*

CANCIONEIROS DOS TROVADORES DO MAR

Celso Cunha

*Ed. Elsa Gonçalves*

A FACULDADE DAS LETRAS

LEITURA E ESCRITA EM PORTUGAL NO SÉC. XVII

Rita Marquilhas

DOCUMENTOS PORTUGUESES DO NOROESTE E DA REGIÃO DE LISBOA

DA PRODUÇÃO PRIMITIVA AO SÉCULO XVI

Ana Maria Martins

METHODO GRAMMATICAL PARA TODAS AS LINGUAS

Amaro de Roboredo

*Ed. de Marina A. Kosarik*

A FACE EXPOSTA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Helena Mira Mateus

RAZÕES E EMOÇÃO

MISCELÂNEA DE ESTUDOS EM HOMENAGEM A MARIA HELENA MIRA MATEUS

*Organização de Ivo Castro e Inês Duarte*

2 vols.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM ESPAÇO RURAL

A VOGAL [Û] NUMA COMUNIDADE DO BAIXO MONDEGO

Isabel Almeida Santos

*Nota de apresentação de Clarinda de Azevedo Maia*

A LÍNGUA DE GIL VICENTE

Paul Teyssier

AMOR DE PERDIÇÃO

Camilo Castelo Branco

*Ed. Ivo Castro*

O PORTUGUÊS ARCAICO — UMA APROXIMAÇÃO

Rosa Virgínia Mattos e Silva

2 vols.

*Título:* O Português Arcaico. Uma Aproximação  
Vol. II — Sintaxe e fonologia

*Autor:* Rosa Virgínia Mattos e Silva

*Edição:* Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM

*Capa:* Luís Moreira

*Tiragem:* 800 exemplares

*Data de impressão:* Junho de 2008

*ISBN:* 978-972-27-1626-0

*Depósito legal:* 277 252/08

## **Capítulo III**

### **SINTAXE**

## PRELIMINAR

Diferentemente do que disse na *apresentação* do item «3. A frase» do livro *O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe* (1994: 71-72), em que afirmei ter sido pouco estudada a sintaxe do português arcaico, passados quase dez anos, pelo que pude verificar e dispor, já existe um significativo número de estudos — teses, dissertações, artigos, comunicações — sobre aspectos da sintaxe desse período. Contudo ainda vou, até certo ponto, utilizar as *Estruturas Trecentistas* (1989), como uma base que, acho, não devo desprezar. Nesse livro, que tem como *corpus* apenas a versão trecentista em português dos *Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório (DSG)*, busquei fazer uma análise descritiva, de orientação estruturalista, mas, quando necessário, usei o latim e tive sempre como apoio o português a mim contemporâneo.

Neste capítulo, conforme a bibliografia de que disponho para cada tópico, considerarei não só a minha própria análise descritiva estrutural, a de outros que seguem esse caminho, mas levarei na mesma conta outros tipos de análise que seguem outras orientações — a da teoria da variação e mudança, a dos funcionalismos e a do gerativismo, como, aliás, já me referi na *introdução* a este livro.

Como visto no *capítulo II*, no início de sua parte I, a língua portuguesa, como as demais línguas românicas, quando aparecem documentadas, já tinha perdido as marcas flexionais que indicavam as chamadas funções sintáticas, vindo a ser marcadas essas tais funções ou pela posição dos nominais em relação ao verbo ou pelo auxílio de preposições para demarcar certas funções sintáticas, como o objecto indirecto (OI), o objecto oblíquo (OBL), o complemento nominal (COMPL NOM), os adjuntos (ADJT), mas não o sujeito (SUJ) nem o objecto directo (OD). Daí dizer-se hoje que o latim tinha uma morfologia nominal forte e uma sintaxe fraca.

Definir hoje sintaxe não é uma tarefa fácil, uma vez que, a depender da teoria, mudará a definição. Mantereí aqui a forma como descrevi *sintaxe* em 1994 (p. 71):

Abordaremos a categoria sintática maior em que se estabelecem as relações funcionais entre o SV [sintagma verbal], predicado [ou predicator] e o SN [sintagma nominal], sujeito, para a estruturação de frases ou sentenças, unidades básicas do enunciado.

Mas por que enunciado? Uma vez que trabalharei com documentação do passado, as sentenças e / ou sequências de sentenças são enunciados cristalizados nos documentos em que ocorrem. O processo da enunciação, a subjectividade que ele carrega pode ser depreendida por refinadas análises teóricas ou o que ao enunciado está subjacente também só pode ser depreendido por outros recursos teóricos. Como saber, exactamente, o que quer dizer o dito / escrito em um manuscrito dos séculos XIII ao XV ou em um livro impresso na primeira metade do século XVI? Não existe vivo o «falante nativo» para dirimir dúvidas de interpretação ou a quem poderíamos aplicar testes para verificar o carácter «gramatical» / «agramatical» de certas frases, sentenças, enunciados. Acredito que o acima explicitado justifica a minha cautela ao dar o subtítulo deste livro, *Uma Aproximação*.

Assim, nos aproximaremos da sintaxe do português arcaico, ouvindo nossos dois primeiros gramáticos, que também já carregam uma tradição gramatical que remonta à escola de Alexandria, lugar em que, do século II para o I a. C., nasceu, não só a filologia, como inicia o seu longo percurso a normatização gramatical, ou seja, a gramática hoje chamada de «normativa» ou «prescritiva».

Fernão de Oliveira, no *capítulo XLIX*, o penúltimo de sua *Gramática*, diz, sempre contrapondo a sua língua, a nossa, às deles, latinos e gregos (1536 [2000]: 152-153):

Agora vejamos da composição ou concerto que as partes ou dições da nossa lingua têm antre si, como em qualquer outra lingua. E esta é a derradeira parte desta obra, a qual os grammaticos chamam *construção*. E nella mais que em algũa outra guardamos nós certas leis e regras, posto que também nas outras partes da grammatica temos menos eiceições que os latinos e gregos, cujas linguas mui gabadas muitas vezes faltam na conveniencia dos nomes ajetivo e sustantivo, relativo e antecedente, e isso mesmo do nome com o verbo.

E os casos dos nomes às vezes se trocam huns por outros; e nos verbos a mesma troca fazem os tempos e modos, pois averbios e prepo-

sições ou quaesquer outras partes são muitas vezes mudadas antre os latinos e gregos, e poem-se huas por outras, o que se não faz na nossa lingua, ao menos tão ameude nem em todas estas cousas.

Porque, posto que algũ'hora os verbos infinitivos sirvam por nomes, como o *ler faz bem aos homens*; ou se as preposições se põem em lugar de artigos, como esta preposição **de** quando serve a genitivo; ou se servem em dous officios como esta parte **por**, a qual às vezes é preposição e às vezes averbio; e outro tanto estas *antes, depois, até* e outras muitas que têm dous officios; e também se este verbo *nego* servia em lugar de conjunção e valia antr'os velhos tanto como *senão* e aind'agora assi val na Beira; e posto que os numeros e generos se mudem como nesta oração e outras semelhantes — *marido e molher ambos são bos homens*; a fim, posto que muitas desproporções ou dessemelhanças se cometam na nossa lingua, não são tantas como em outras linguas acontece muitas mais vezes.

E são essas linguas havidas por boas, porque dizem que nem sempre é virtude seguir as proporções da arte, mas que usarem d'algũas suas propriedades em particular as afremosenta. Também a nossa tem o mesmo. Portanto não nos desprezemos della, a qual foi sempre e agora é tratada por homens que se entendem e sabem o que falam: cuja imitação nos fará galantes primos a nós e a nosso falar, se a quiséremos seguir.

Nesta derradeira parte, que é da construção ou composição da lingua, não dizemos mais, porque temos começada hũa obra em que particularmente e com mais comprimento falamos della.

Dessa «construção ou composição da lingua», até o momento, não se tem notícia.

João de Barros, em *Da construiçám das partes*, não só a define como se esteia nos «gramáticos» (1540 [1971]: 349):

Té qui, tratámos das primeiras três pártes da gramática: lêtera, sílaba, diçám; fica agóra vermos a quáta que é da construiçám.

Esta, segundo difinçám dos gramáticos, é ũa conveniência antre pártes póstas em seus naturáes lugáres, per as quáes vimos em conhiçimento dos nósos conceitos. E, bem como ao hómem é natural a fála, assi lhe é natural a conveniência déstas pártes: nome sustantivo com ajetivo, nominativo com vérbo, relativo com antecederente.

Quanto ao regimento das outras pártes, cada naçám tem sua ordem, e por nam serem universáes a todos, lhe podemos chamár açidentáes. Nós tomaremos da nósna construiçám o máis neçe[s]sário, imitando sempre a ordem dos Latinos, como temos de custume.

Tentarei organizar este capítulo da seguinte forma:

*Parte I:* predicados e argumentos; concordância; observações sobre complementos e adjuntos preposicionados; o uso de modos e tempos verbais; pronominais;

*Parte II:* conectores e conexão de sentenças; adverbiais; a negação; a quantificação e os quantificadores; a ordem sintáctica: dos constituintes na sentença e a posição dos clíticos pronominais.

Termino este item «Preliminar» — por não ter certeza de ser essa a melhor organização para este capítulo — como Fernão de Oliveira termina a sua *Gramática*, no capítulo *L* (1536 [2000]: 153):

Alguns que escrevem livros acostumam fazer, nos princípios, prologos de sua defesa, o que eu não fiz. E tenho esta rezão: que me não quero queixar antes de ser ofendido. E mais: quem pode dizer mal de mi, que bo seja, pois aos maos não posso fugir, mas por qualquer parte sempre me hão de maltratar.



## PARTE I

### *O enunciado: predicados e argumentos*

#### **O predicado**

O predicado é a função sintáctica básica ou nuclear da frase. A depender do V, núcleo do SV, que o constitui, vão ser seleccionados, tanto do ponto de vista sintáctico como do ponto de vista semântico, os argumentos — sujeito e complementos — que estruturarão a frase. Baseada nisso, apresentarei uma classificação semântico-sintáctica de predicados, partindo daqueles que podem ser expressos por subconjuntos restritos de verbos para os que podem ser preenchidos por itens de um inventário aberto, nesta ordem: predicados *existenciais*, *atributivos*, *intransitivos*, *ergativos*, *transitivos*, *bitransitivos*.

#### *Predicados existenciais*

Esses predicados, também chamados de impessoais, se caracterizam sintacticamente por não seleccionarem sujeito. Expressam-se no português arcaico pelos verbos existenciais *haver* e *ser* (*a*); por esses verbos e também *fazer* com SN semanticamente temporais ou expressões de fenómenos naturais (*b*); por verbos que designam fenómenos naturais (*c*).

*a.* Na possibilidade de seleccionar tanto *haver* como *ser* reside uma diferença entre o período arcaico e o actual, que excluiu *ser* dessas estruturas. Confrontem-se os exemplos seguintes em que um ou outro verbo foi seleccionado. Exemplos dos *DSG* (1989: 513-514):

- Na cidade d'Aconha *foi* hũu bispo de gram santidade.
- E diz que naquela província de Valeria *foi* hũu bispo que avia nome Sabino.

- Podemos creer que ora no mundo *aja* taes homêes como ele.
- Non *avia* padres santos.

No início desta cantiga de Joam Peres d'Avoim, observe-se o *foi* (= «houve») e *ouv'* e *ei* (= «tive» e «tenho»), isto é, *ser* existencial e *haver* com seu valor etimológico de posse, de que tratarei adiante (cf. Gonçalves e Ramos, 1983: 163):

Mig' *ouv'* eu a que queria bem  
tal sazom *foi*, mas ja'migo non *ei*.  
(«Houve tempo em que eu tive amigo a que queria bem, mas já não tenho amigo.»)

Frequentemente *haver* existencial vem seguido do pronominal locativo *hi - i - y* («ai»): *á hi águas, á hi fogo*. Dias (1959: 17) apresenta exemplo dessa estrutura, no século XV, *Leal Conselheiro*:

- Quem *hi ha* tam acabado que todo perfeitamente diga e faça?

e considera esse uso no português moderno como «afecção» ou «arcaísmo».

b.

- Non *ha* ainda *quareenta* anos.
- Ha *quareenta* anos depois que se ordiõu.
- O rio saia da madre quando *fazia* a *chúvias* mui grandes.
- *Tempo* muito esquivo que *fazia*.
- Aqueste menlho per hũa tempestade que *ouve* veo a hũa enfermidade.

c.

- Mandou que *chovesse*.

O verbo *existir*, que é corrente hoje como predicado existencial, não está documentado nos DSG; observei também que não está no glossário da *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes (Macchi, 1966), nem na versão galega da *Crónica Geral de Espanha* e da *Crónica de Castela* (Lorenzo, 1977). Esse conjunto de textos representa bem o português do século XIV para o XV e seus dados são um indicador significativo sobre o verbo *existir* nesse período.

Tal como *ser* deixou de ser comum nessas estruturas no período arcaico, em favor de *haver*, que, de acordo com sua etimologia, é também nesse período verbo próprio às estruturas possessivas, *existir* e mais recentemente *ter* vêm afastando *haver* das estruturas existenciais (cf. *há* muita gente pobre / *existe* muita gente pobre / *tem* muita gente pobre).

### *Predicados atributivos*

Reuni, sob esse título geral, as estruturas de predicação em que o verbo e seu complemento predicam ou expressam um atributo ou qualidade própria ao sujeito. Subcategorizei atributivos em quatro tipos: *equativos*, *descritivos*, *locativos* e *possessivos*. Neles, do ponto de vista semântico, se parte desde uma relação de identidade entre o sujeito e o complemento (nos equativos), até ao extremo em que uma relação semântica menos estrita entre esses constituintes se estabelece, que é expressa por atributos adquiríveis (como os predicados possessivos que designam a posse alienável). Entre esses limites — identidade / posse alienável — estão os outros tipos de estruturas atributivas, como veremos. Os verbos que podem ocupar o SV desses predicados são de inventário restrito e, além disso, os verbos que definem essas estruturas — *ser*, *estar*, *andar*, *ter*, *haver* —, em outros contextos sintáticos, podem ser classificados como verbos auxiliares, como já vimos.

#### *a. Predicados atributivos equativos*

Os predicados equativos, por vezes chamados *identificacionais*, se caracterizam, do ponto de vista semântico, pela equivalência referencial entre o sujeito e o complemento do núcleo verbal do predicado. O verbo que ocupa essa posição no período arcaico é *seer*, tal como hoje. A extensão semântica da identidade permite incluir, nesse tipo, verbos que expressam a semelhança ou mesmo a representação e então seriam aí verbos típicos no período arcaico: *semelhar*, *parecer*, *representar*. Exemplos dos DSG (1989: 526-527):

- O filho de Deus *he* hũa das três pessoas da trindade.
- Aquel homen *he* meu hortolan.
- A asna *he* animalha sen razon.
- Fe *he* fundamento das cousas.
- Tu *semelhas* as bestas mudas.
- Aqueles *semelhavan* pobres.
- Esto *parece* a razon daquelo.
- *Representa* a eigreja a ressureiçon.

O complemento do V equativo é um nominal (SN, N, ADJ), que, na tradição gramatical, é classificado como predicativo do sujeito.

*b. Predicados atributivos descritivos*

Esses predicados se caracterizam semanticamente por atribuírem ao sujeito uma qualidade, permanente ou transitória, que se expressa no complemento, sintacticamente, por um nominal (SN, N, ADJ, PP), na tradição gramatical também denominado predicativo do sujeito. Os verbos que ocupam o núcleo do SV são, no português arcaico, *seer*, *estar*, *jazer* e *andar*. No português moderno, *jazer* deixou de ser usado nesses contextos e *seer*, que tanto era usado para a expressão de atributos permanentes como transitórios no período arcaico da língua, só ficou sendo próprio aos atributos permanentes. Os exemplos seguintes ilustram o uso arcaico de *seer* como expressão do transitório (dados de Sepúlveda Netto, 1989):

1. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, *seendo* sano e salvo (e não *estando*) — século XIII, *Testamento de Afonso II*.
2. As sas duas irmãas, que *eran mui coitadas* pola sa morte, veeron muit'agũa ao bispo (e não *estavam*) — século XIV, *DSG*.
3. Sempre me temi d'ele mas ja agora *som seguro* que nunca me dará (e não *estou*) — século XV, *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes.

Observe-se em 4 e 5 que *estar* ocorre nos mesmos contextos de 2 e 3, respectivamente:

4. *Estando* hũu dia seu padre e os fisicos *mui coitados* com eles (*DSG*).
5. As iffantas suas filhas era certo que *estariam seguras* (*CDP*).

Já no século XVI a oposição *ser / estar* se define (Mattos e Silva, 2001: 103-118), excluindo *ser* desses contextos. Nos exemplos anteriores e nos seguintes se pode observar a variação entre *ser - estar - jazer - andar* nos predicados atributivos transitórios. Comparem-se, para isso, 4 e 5 com 6 e 7, nos exemplos dos *DSG* (século XIV), em que essas estruturas foram observadas em todas as suas ocorrências, é *seer* o verbo mais frequente como predicado atributivo descritivo transitório, contexto em que já decresce no século XV, como demonstrou Sepúlveda Netto (*ibid.*):

6. E porende andava ele *mui coitado* en sa alma porque non podia aver aquilo.
7. Que ti tolha Deus esta tempestade de que *jazes coitado*.

Os exemplos seguintes são de *seer* como atributo permanente, tal como hoje:

- Sa mulher Rabeca que *era* maníha.
- Seu padre avia hũa enfermidade a que chaman alefante e *era* tan *perigosa*.
- O monte *era mui alto*.

Além dos verbos analisados, mas com o traço semântico de «mudança de estado», ocorre nessas estruturas sintáticas o verbo *ficar*, por exemplo:

- El rei *muito ledo ficou*.
- Ele disse que *ficara namorado* dela a gram dano de sa alma.

### c. *Predicados atributivos locativos*

Esses predicados se caracterizam semanticamente por apresentarem um complemento que localiza (no espaço, no tempo ou nocionalmente) o sujeito. Essa localização, tal como o atributo de qualidade dos descritivos, pode ser permanente ou transitória. Sintacticamente o complemento locativo pode ser expresso por um SPREP ou por um pronominal adverbial de localização. Os verbos que ocupam o núcleo do SV nessas estruturas são os mesmos dos predicados atributivos descritivos — *seer*, *estar*, *andar*, *jazer*. No português moderno, *jazer* não ocorre nestas estruturas e *seer*, expressão tanto do permanente como do transitório no período arcaico, deixa de ser usado na segunda. Seguem-se exemplos de predicados locativos transitórios (dados de Sepúlveda Netto, 1989):

1. E dos dieiros que mi remaserũ de parte de meu padre que *sũ em Alcobça* (e não *estão*) — século XIII, *Testamento de Afonso II*.
2. Rogoli e pregoli que os meus filios e o reino *segiã em sa comenda* (e não *estejam*) — *ibid.*
3. Oficio *em que são* (e não *estou*) — século XIV, *DSG*.
4. *Almas que son no outro mundo* (e não *estão*) — *ibid.*
5. Que nenhũũ razoado homen, *seendo em sua saude e inteiro siso* (e não *estando*) — século XV, *CDP*.
6. ... e que em outro dia *seerian com ele* (e não *estariam*) — *ibid.*

Observe-se que, em contextos idênticos ou análogos, nos exemplos seguintes 7, 8 e 9 ocorre *estar* em vez de *seer*, como 2, 3 e 5, respectivamente:

7. E todas aquelas cousas que Deus me deu em poder *sten em paz e em folgãcia* — *Testamento de Afonso II*.

8. Ofício en que *estou* — *DSG*.
9. E porém non ha cousa que possa *seer*, *estando* homen *en sua saude* que lhe cousa notável esqueça — *CDP*.

Nos exemplos seguintes alternam, no mesmo contexto locativo, *seer*, *estar*, *jazer* e *andar*. Exemplos dos *DSG* (1989: 528-548):

- Logar que *era oito milhas da cidade*.
- Caplem *jaz sex milhas da cidade*.
- Húa lagoa que *está* de Roma *quareenta milhas*.
- As almas *andan* no corpo.
- A alma *jaz* no corpo.
- A alma *he* no corpo.

Já no século XIV, *estar* é mais frequente que *seer* nos locativos transitórios; o aumento de frequência de *estar* nessas estruturas foi observado por Sepúlveda Netto (1989) no século XV. Essas evidências permitem afirmar que a exclusão de *ser* como expressão de atributos transitórios se difundiu mais rapidamente nos locativos que nos descritivos. Na sua história pregressa, *estar* tem como étimo *stāre*, «estar de pé». Nessa acepção está documentado no português até fins do século XIV, enquanto *ser* tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos *sed re*, «estar sentado» — nessa acepção ainda em uso, pelo menos, até fins do século XIV —, e, *esse*, «ser». Esse facto permite inferir que o traço [+ transitório] é o próprio, desde a sua origem, a *estar*, enquanto em *ser* confluem o [+ transitório] de *sed re* e o [+ permanente] de *esse*. Não é sem razão histórica, portanto, que, definida a oposição *ser* / *estar* no português, foi *estar* o verbo escolhido para expressar transitoriedade.

Vale recordar, para concluir, que a oposição *ser* / *estar* não é geral nas línguas românicas, mas comum às línguas ibero-românicas. Segundo Câmara Jr. (1975: 236), já no latim vulgar ibérico teria havido uma fase de variação livre *esse* e *stare*, correspondendo este a «uma situação concreta, proveniente de uma mudança ou pressupondo uma mudança futura possível, ao passo que *ser* é, do ponto de vista significativo, a forma não-marcada geral». Esse dado certamente esclarece a generalização de *ser* no período arcaico para atributos de qualquer tipo, enquanto *estar*, desde a origem, expressa a transitoriedade.

Nessas estruturas locativas também ocorrem como núcleo do SV, com o traço semântico de «mudança de estado», verbos tais como: *ficar*, *māer* (= «permanecer»). Exemplos dos *DSG* (1989: 547):

- Non pode *ficar sobrelas aguas*.
- *Ficou em oraçon*.
- Non posso eu *māer* nen *ficar fora da mha cela*.

# ÍNDICE GERAL

Vol. II

## III

### SINTAXE

Preliminar .....	9
Parte I .....	13
O enunciado: predicados e argumentos .....	13
Predicados existenciais .....	13
Predicados atributivos .....	15
Predicados intransitivos .....	22
Predicados transitivos .....	23
O sujeito .....	45
Voz passiva .....	49
A concordância .....	52
Observações sobre complementos e adjuntos preposicionados.....	57
Preposições em SPREP complemento .....	58
Preposições em SPREP adjunto .....	59
Observações sobre PREP e SPREP em adjuntos adverbiais.....	63
Adjunto adnominal .....	66
Sobre o uso de modo e tempos verbais no período arcaico .....	67
Sobre o modo verbal.....	74
Indicativo, subjuntivo, imperativo em uma conceituação semântica .....	76
O infinitivo: modo genérico.....	78
Sobre o tempo verbal.....	79
O tempo verbal no modo indicativo.....	80
O tempo verbal no modo subjuntivo .....	82
Contextos em que não se aplicam as distinções modo-temporais básicas .....	84
A extensão do presente para a expressão do futuro .....	86

IdFt2: expressão da irrealidade e seu uso alternativo com SbPt.....	89
O IdPt3 nas correlações condicionais.....	92
O IdPt3 nas orações que expressam a irrealidade.....	93
Pronominais .....	95
1. Pronominais pessoais .....	96
Observações sobre os pronominais pessoais.....	100
2. Pronominais adverbiais .....	103
3. Os chamados anafóricos arcaicos: <i>en - ende - e hi - hy - i - y</i> .....	124
Parte II.....	137
Bloco A .....	137
A conexão das sentenças .....	138
A coordenação .....	139
Coordenação aditiva ou copulativa .....	140
Coordenação disjuntiva ou alternativa .....	141
Coordenação adversativa .....	143
Coordenação conclusiva.....	152
Coordenação explicativa.....	158
A subordinação.....	174
Subordinadas circunstanciais.....	175
Subordinadas completivas.....	216
Completivas com verbo no infinitivo e com verbo na forma finita ...	219
Outras observações sobre as completivas .....	224
Subordinadas relativas .....	227
Distância entre a relativa e seu antecedente .....	235
Estruturas interrogativas .....	255
A interrogação directa .....	256
Sobre a origem do infinitivo flexionado em português.....	260
Adverbiais .....	262
A quantificação e os quantificadores.....	285
Quantificadores específicos do nome substantivo .....	286
Lexias com valor de quantificador indefinido .....	293
Quantificadores definidos.....	293
Quantificadores não específicos do nome substantivo.....	295
A superlativização .....	301
A negação .....	305
Bloco B .....	327
A ordem dos sintagmas em enunciados principais afirmativos.....	328
A ordem dos sintagmas em enunciados principais negativos.....	336



A ordem dos sintagmas em enunciados interrogativos .....	339
A ordem dos sintagmas em enunciados subordinados .....	341
A ordem dos sintagmas em enunciados completivos.....	350
A ordem dos sintagmas em enunciados circunstanciais .....	356
Conclusões sobre os dados analisados .....	363
A recomplementação .....	396
A ordem dos clíticos ou pronomes átonos na sentença .....	422
Descrição estruturalista .....	422
Análise gerativista.....	437
Análise variacionista .....	445
Preferência pela colocação pré-verbal .....	455
Preferência pela colocação pós-verbal .....	459

#### IV

#### FONÉTICA E FONOLOGIA

Preliminar .....	485
Sobre o sistema vocálico e as variantes fonéticas.....	486
Sequências vocálicas orais: ditongos e hiatos.....	504
Nasalizações: vogais, hiatos, ditongos.....	514
O sistema consonântico e variantes fonéticas .....	535
As variações e o sistema no português arcaico.....	542
Definindo o sistema e caracterizando variantes no português arcaico	546
A propósito da sílaba no português arcaico .....	563
Breve nota sobre a prosódia no período arcaico .....	567
Epílogo .....	577

#### APÊNDICES

Apêndice I .....	581
A primeira proposta ortográfica para a língua portuguesa .....	581
Apêndice II .....	595
A pontuação em manuscritos medievais portugueses e em livros impressos na primeira metade do século XVI em Portugal .....	595
Referências bibliográficas.....	615
Índice de autores citados.....	635
Índice geral .....	639



Vol. I

Abreviaturas, convenções e alfabeto fonético .....	9
Prólogo .....	13
INTRODUÇÃO .....	15

I  
O LÉXICO

Breve introdução .....	81
Parte I .....	83
Os efeitos da sócio-história na formação do léxico da língua portuguesa .....	83
Os pré-romanos ou pré-latinos: «vozes sobreviventes de um grande naufrágio» .....	83
Efeitos da presença germânica no léxico peninsular: Suevos e Visigodos .....	85
Os moçárabes: vestígios linguísticos .....	89
Vestígios do moçárabe: fontes para seu estudo e características linguísticas .....	90
Arabismos .....	94
Empréstimos culturais franceses e provençais .....	99
Empréstimos de línguas não europeias: os efeitos da expansão por novos mundos .....	104

Sobre a terminologia metalinguística na primeira metade do século XVI: alguns aspectos.....	107
Voltando ao latim e às suas várias fases na formação do léxico da língua portuguesa .....	126
Parte II.....	135
A estruturação léxico-semântica em alguns campos vocabulares.....	135
Parte III .....	303
Aspectos morfolexicais do português arcaico.....	303
Tipos de composição no português arcaico .....	308
Sobre a prefixação no português arcaico .....	311
Exemplos de prefixação no português arcaico .....	313
Substantivos .....	315
Adjectivos.....	317
Sobre a sufixação no português arcaico .....	324
Sobre a derivação regressiva no português arcaico .....	340

## II

### MORFOLOGIA FLEXIONAL

Parte I .....	353
Morfologia dos nominais .....	353
Breve memória: os nominais do latim ao português arcaico.....	354
A vogal temática (VT) como classificador nominal .....	355
O género dos nominais .....	356
O número dos nominais .....	362
Os determinantes do nome substantivo .....	369
O artigo: morfologia e uso diante de antropónimos .....	369
Sobre os alomorfes do artigo — <i>lo, no, el</i> .....	370
Sobre o uso do artigo diante de antropónimos.....	374
Os demonstrativos: história, morfologia, estrutura e uso em textos do período arcaico .....	376
Sobre o uso dos demonstrativos em textos do período arcaico .....	381

Os possessivos: história, estrutura, morfologia e uso do artigo .....	388
Estrutura e morfologia no período arcaico do português .....	389
Sobre o uso do artigo no período arcaico do português .....	392
Parte II .....	395
Morfologia verbal .....	395
Breve memória: o verbo do latim ao português arcaico .....	396
Verbos de padrão geral ou regulares .....	400
Morfemas modo-temporais .....	407
Morfemas número-pessoais .....	410
Variação na representação do lexema .....	411
Verbos de padrão especial ou irregulares .....	412
Sobre os lexemas dos tempos do não-perfeito .....	417
Sobre os lexemas do perfeito .....	419
Sobre a VT em verbos de padrão especial .....	433
Observação final .....	434
Sequências verbais .....	435
Ser, haver / ter + particípio passado .....	436
Ser, fazer, estar, andar, ir + gerúndio .....	441
Verbos + infinitivo .....	444

Acabou de imprimir-se  
em Junho de dois mil e oito.

---

Edição n.º 1014925

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[comercial@incm.pt](mailto:comercial@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)